

PROCESSOS MENTAIS SERIAIS E PARALELOS

Luiz Ernesto Cabral Pellanda*

Considerando que a escuta é influenciada decisivamente por "quem" escuta, o autor discute o que considera o perfil mínimo de um psicanalista, privilegiando o paradigma que contempla a relação viva sujeito/sujeito e destacando dois parâmetros: a honestidade pessoal e a capacidade de tolerar esperar para compreender. Como desdobramento, e à propósito da dificuldade de descrever o inconsciente com palavras, lembra que estas são seqüências de sons e silêncios (incluem dimensão "tempo"), mesmo que apenas pensadas, enquanto aquele é atemporal, imagético; daí aproxima os dois processos (secundário e primário) aos modos serial e paralelo encontrados na teoria do processamento de informação e conclui pela posteridade do primeiro em relação ao segundo.

Este trabalho objetiva estabelecer uma ponte entre os aspectos puramente científicos de um conhecimento fundamentalmente psicanalítico e a práxis diária do "ser psicanalista".

Considerando que aquilo que se escuta é influenciado decisivamente por "quem" escuta, procuro, nas linhas a seguir, definir o que considero o perfil mínimo de um psicanalista, a partir de um paradigma que contempla a relação viva sujeito/sujeito. Logo acrescento algumas peculiaridades do processo mental, à luz da teoria dos processamentos de informação, e faço algumas aproximações ao conhecimento psicanalítico já estabelecido.

Ser psicanalista, talvez mais do que ter qualquer outra atividade humana, implica numa integração do profissional com o pessoal, em um nível tal que não se pode pretender dissociar um aspecto de outro. É difícil conceber que seja "psicanalista" um profissional que não viva de acordo com seus princípios científicos declarados. A prática da psicanálise exige, no meu modo de ver, uma integridade pessoal e científica que torna inviável o "faço o que digo, não faço o que faço".

Não me parece relevante, para a qualidade do trabalho psicanalítico, saber se o candidato provém de uma formação médica, psicológica ou de ciências humanísticas, ressaltados, evidentemente, nível cultural e aptidões adequados.

Importa realmente, em minha opinião, a presença de certos traços de caráter e a ausência de outros, como tantos autores (Freud, 1912,1937; Fenichel,1945; Greenson, 1967) já salientaram. Dois desses me parecem fundamentais: a honestidade científica, definida como aderência estrita ao princípio da realidade, de um lado, e a capacidade de tolerar o "não saber" por outro. Atitudes equivalentes à daquele "cientista" inglês que forjou o "Honro de Piltown", se praticadas por psicanalista, causariam sérios prejuízos aos analisandos, mesmo que não cheguem a se tornar públicas.

Brandão (1984) comenta que "durante anos aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua própria pessoa, ou seja: de sua subjetividade." Entretanto, acrescenta: "...só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura quando, através de um envolvimento em alguns casos um comprometimento pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga". Lembra, entretanto, que se "o outro lado" é também uma pessoa, há uma dificuldade metodológica especial para evitar que se caia na prática catequética como a daqueles que um dia aportaram da Europa no Novo Mundo para "fazer do outro alguém como eu, desde que subalterno".

Como analistas temos bem consciência da existência destes fenômenos, desde bem antes que houvesse uma "Pesquisa Participante" (por exemplo Brandão, 1984), ou que se estabelecessem os "Novos Paradigmas" da ciência (Maturana e Varela, 1984). Quando Freud rompe com o paradigma cartesiano do "penso, logo existo", afirmando que "o homem não é senhor de si mesmo", está desencadeando a revolução que incluirá o "outro fora de mim" e o "outro dentro de mim", diferentes entre si. Está abandonando o privilégio da razão sobre todas as coisas e introduzindo a emoção como mediação fundamental entre o ser humano e a realidade. Diz Kovel: "O outro é o estranho, o alheio. Quanto mais alienada a sociedade ou a pessoa, mais horrível o outro". Admitir o outro como igual e diferente ao mesmo tempo, eis o difícil; multiplicam-se os exemplos dos que caem na tentação de "fazer discípulos à própria imagem e semelhança", desde que sempre discípulos.

Segundo Viñar (s/d), "ser psicanalista implica em passar pela constatação do danificado, do 'falhado', em si mesmo, e escolher como ofício a tentativa de reparar no outro, com o outro, o que se revela como irreparável em si mesmo". Isto implica também, no meu modo de ver, em assumir-se como autor para permitir ao outro a construção de sua própria autoria, enquanto ser diferente de mim.

A peculiaridade de nosso instrumento de trabalho, v.g., nosso inconsciente, torna o sujeito a inúmeras oportunidades de "mau funcionamento" temporárias. Tanto mais breves serão, quanto mais conscientes estivermos dessas características intrínsecas do processo psíquico, seja como consequência de nossa análise pessoal, seja pela auto-análise que se segue obrigatoriamente (Pellanda, 1990).

De qualquer modo, sempre haverá inconsciente, ainda que a ciência cartesiana se proponha a reduzir tudo à razão. E que se trate de uma organização primitiva, instintiva, inata, parece não haver dúvida. Em geral as críticas se dirigem à terminologia adultomorfa que é usada para descrever fenômenos não suscetíveis de descrição com palavras. Estas, ainda que apenas pensadas, são correntes de sons e silêncios que adquirem significado pela repetição (aprendizado formal), enquanto os fenômenos inconscientes processam-se por grupos de estímulos simultâneos.

A metáfora pronta e tentadora é comparar as duas formas de pensamento, base dos diferentes paradigmas, com os dois tipos de processamento de informação correntemente desenvolvidos pela tecnologia atual: seriada e paralela.

Em nossa linguagem, cada palavra tem seu comprimento próprio, desde uma letra, como o artigo "a", até várias, como o advérbio "inconstitucionalíssimamente". Para os "cérebros eletrônicos", entretanto, as "palavras" possuem sempre o mesmo número de "letras", oito, dezesseis ou trinta e duas, por exemplo. Para enviar uma série de palavras de um lugar a outro dentro do próprio computador ou para uma impressora como a que imprimiu esta página, existe a possibilidade de "enviar" letra por letra, numa "série" que o receptor vai armazenando e separando em grupos de oito, ou, ao contrário, o processo todo transcorre por oito canais (fios) independentes e de modo simultâneo (as letras correm "paralelas" em ondas sucessivas). A maioria dos computadores funciona de modo serial: cada instrução é decomposta em seus passos constituintes e executada em seqüência

com rapidez da ordem de milhões de passos por segundo. Em laboratório já existem os que, ao contrário, processam suas tarefas de modo paralelo: estas são decompostas e cada passo é encaminhado a um outro pequeno computador interno simples (e bem mais lento). Entretanto, como todos os passos são realizados simultaneamente, o resultado final é obtido em um tempo total muito menor.

Um exemplo simples do que foi dito acima encontra-se na diferença de como se forma a imagem de uma tela na TV e o mesmo quadro a partir do fotograma ou slide que o originou. Na TV, um feixe de elétrons emitidos pelo tubo "varre" a tela da esquerda para a direita e de cima para baixo (scan), fazendo brilhar ou mantendo apagado um grão de fósforo depositado no vidro da parte frontal do tubo. Como o tempo total deste recorrido é de cerca de três centésimos de segundo, o olho humano, que só discrimina a partir de um décimo de segundo, "vê" um quadro inteiro.

A projeção de um slide, de outro lado, põe sobre a tela, simultaneamente, todos os pontos formadores da imagem. Para o fim a que se destina, a diferença é irrelevante. Mas nas ocasiões em que a densidade de informações aumenta consideravelmente, como nos momentos de avaliar uma percepção ou tomar uma decisão com rapidez, o processamento dito paralelo demonstra clara superioridade.

Na vida cotidiana, a música ou o discurso são exemplos de atividades mentais "seriadas", enquanto a apreciação de artes plásticas ou a intuição são exemplos de atividade cerebral "paralela". O cinema e a TV combinam os dois: há uma série de fotogramas em sucessão temporal.

Quando Rascovsky descreve o funcionamento mental em nível fetal, enfrenta dificuldades, pois uma das características deste nível é a bi dimensionalidade dos objetos internos:

No inconsciente os objetos possuem duas dimensões espaciais. Quando uma representação ou imagem inconsciente se faz consciente, adquire dimensão temporal. O préconsciente possui, por isto, uma dimensão temporal inexistente no inconsciente propriamente dito. (Rascovsky, 1960).

A ausência da dimensão tempo no inconsciente, afirmada por Freud desde o início, é também referendada por D. Rosenfeld (1992), que avalia o progresso de seus pacientes severamente perturbados pela aparição de indicativos da consciência da passagem do tempo, nas fases avançadas de tratamentos exitosos.

Também Matte Blanco afirma ser o inconsciente timeless, e acrescenta: "... pelas mesmas razões tampouco pode haver espaço (...) o que me leva a propor que se adicione a falta de dimensões como outra característica do inconsciente" (MatteBlanco, 1975, 12)(**).

Quando olhamos uma fotografia, os diversos pontos que a compõem alcançam simultaneamente a retina, sendo processados no cérebro de um modo simultâneo, num processamento que poderíamos chamar de "paralelo". Em oposição, quando ouvimos um discurso, o ouvido e o cérebro vão acumulando os sons que formam uma seqüência, até que adquiram um "sentido" (palavras), em um processamento que podemos chamar de "seriado" ou "serial".

Independentemente da maior ou menor complexidade desses processos, a presença no segundo, do fator "tempo", fala a favor de uma posterioridade em relação ao primeiro, pois, ao que tudo indica, esta dimensão é adquirida ao longo do desenvolvimento.

Voltando à questão de como pensar o inconsciente, de como processa o analista sua escuta, a maior dificuldade consiste exatamente em tentar descrever com palavras (de modo serial) um fenômeno de natureza paralela como as fantasias inconscientes e o evocar de sentimentos ou insights que acompanham este escutar.

Na medida em que o psicanalista vai combinando todos os estímulos que compõem seu momento de trabalho, estes vão se consolidando em um "discurso" que é processo secundário, e que, ao seu tempo, será comunicado ao paciente. Com isto estou aproximando processo primário deste processamento chamado "paralelo" e o secundário do "serial", que inclui a dimensão tempo. Quando Lacan diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, entendo que só este segundo aspecto poderia ser assim descrito; na verdade, o inconsciente é prévio e estruturante em relação à linguagem.

A capacidade de ouvir inclui a maturidade de suportar a frustração de ter que esperar para compreender, pois depende de uma seqüência de informações, ao contrário da percepção simultânea de um conjunto de impressões de uma cena, por exemplo, ou em um insight.

Os pacientes em início de análise, ou os severamente perturbados, eventualmente não possuem esta capacidade de esperar para compreender, fechando curtos circuitos que distorcem a mensagem contida na interpretação. Daí a necessidade de o psicanalista estar sempre atento às respostas do paciente, de modo a estabelecer uma comunicação de duas mãos, com uma realimentação que confirme ou reforme sua (do analista) compreensão do momento vivido. Aqui é importante lembrar as comunicações não verbais, percebidas como fenômenos em bloco pelo inconsciente do analista, logo, de processamento paralelo.

Retornando à questão da personalidade do psicanalista, é aqui que, penso, mais se manifesta a necessidade de uma honestidade básica: são muitas as tentações de dar por entendido o que na verdade está apenas esboçado, ou ouvir "com ouvidos de mercador" no sentido de só dar guarida ao que combina com as teorias prévias, impedindo o acesso ao "novo".

Foi esta a honestidade para consigo próprio que teve Freud ao abandonar o "Projeto..." (que, provavelmente, ainda hoje não poderia ser escrito) em favor de um novo caminho que se mostrou mais condizente com os fatos observados.

Summary

Taking into account that the listening is decisively influenced by "whom" listens, the author discusses what he considers the minimum profile of a psychoanalyst, under the paradigm of a vivid relationship subject/subject, stressing two parameters: the personal honesty and the capacity to wait to understand. Speaking about the difficulties in describing the unconscious (primary process) with words (secondary process), he remembers that these ones are sequences of sounds and silences (so including the dimension "time"), even if only thought, while the unconscious is atemporal and image compounded. The author then compares them with the serial and parallel processes which are found in the theory of information process and concludes that this last process should be previous to the first described.

Referências

BRANDÃO, C. R. (org), (1984). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Ed. Brasiliense.
FENICHEL, O. (1945). Teoria psicoanalítica del neurosis. Buenos Aires: Nova, p. 740, 1957. FREUD, S. (1912). Recommendations to physicians practising psycho analysis. S.E. XII, p. 109.
(1937). Analysis terminable and interminable. S.E. XXIII, p. 209.
GREENSON, R. (1967). The technique and practice of psycho analysis. N. York: Int. Univ. Press, 1967.
KOVEL, J. History and spirit. An inquiry into the philosophy of liberation. Boston: Beacon Press.
MATURANA, H. e VARELA, F. (1984). El árbol del conocimiento. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
MATTE BLANCO, I. (1975). The unconscious as infinite sets an essay in bi logic. London: Duckworth.
PELLANDA, L. (1990). "Auto análise pós psicanálise". Apresentado à SPPA. em 11/90 mimeo.
RASCOVSKY, A. (1960). El psiquismo fetal. Buenos Aires: Paidós.
ROSENFELD, D. (1992). The psychotic aspects of personality. London and New York: Karnak. VIIVAR, M. (s/d). "Ser analista hoy" (algumas referencias para pensar nuestro quehacer) mimeo.

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

Rua Maestro Pena, 90
90660-060 Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Membro Efetivo da SPPA.

** Sem dúvida muito intrigante custa me imaginar uma pré concepção de seio que não tenha ao menos duas dimensões, mas o estudo do sistema "biológico" que este autor propõe, entretanto, foge ao escopo deste trabalho.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)